

A relação educador-educando no projeto axé

Edvalda Cecília Abud Vilanova

RESUMO

O artigo fala da relação educador-educando no Projeto AXÉ. Nos passos da paquera, namoro e aconchego pedagógico, vai descrevendo a delicada tarefa de educar e como os valores e visões de mundo discrepantes são geradores de conflitos a serem negociados, revelando o educador comprometido com a clareza da ação político-pedagógica que exerce. Traz descrições de procedimentos e da estrutura de funcionamento do Projeto AXÉ, privilegiando a função e a inserção do educador no modelo.

Palavras-chave: relação educador-educando, adolescentes excluídos, projeto AXÉ.

ABSTRACT

This paper deals with teacher-student relationship in the AXÉ project. As if imitating dating steps, the fragile teaching task together with its different values besides other world views start conflicts which can be dealt with once we can find a compromised educator (teacher) who can set his/her political/ pedagogical actions very clearly. This paper also describes procedures and the working structure of AXÉ project, which emphasizes the teacher's role as a model.

Key-words: teacher-student relationship, excluded teenagers, AXÉ project.

Introdução

A educação é indispensável aos seres humanos porque não temos inscrito em nossos genes, como nos animais, os comportamentos que nos servem para sobreviver. Nossos genes estão vazios de comportamento. O pássaro sabe construir seu ninho sem nenhum ensinamento prévio. Nosso ninho não existe, temos que aprender formas que nos permitem, em cada época, fazer tipos diferentes de habitação.

Somos seres históricos, nos fazemos na história. Nossa história é sempre renovada, enquanto seres que se tornam humanos a partir da educação.

O educador é um profissional que maneja um produto: o saber social.

Segundo Bernardo Toro, o saber é o conjunto de conhecimentos, práticas, destrezas ou habilidades, tradições, ritos, mitos e valores que uma sociedade julga válidos para sobreviver, conviver, produzir e projetar-se.

Ensino porque fui capaz de aprender. Aprendi porque busquei, indaguei e me indago, constato, intervenho. Educo porque me educo e continuo a cada dia sendo educado, porque enquanto ser humano, sou um ser incompleto, inacabado, que vou ter sempre uma falta sustentando o meu desejo e fazendo com que eu me projete em direção a um futuro.

A difícil e desafiadora tarefa de educar passa necessariamente por um situar-se em um determinado conceito de mundo e de ser humano, conceitos esses que vão direcionar a opção pela abordagem teórica do educador.

Do educador se espera uma perene ocupação com o ato educativo. Não é mera circunstância, mas de ser.

Sabemos que educar é um ato político e acreditamos que na medida em que o educador compreende a importância social da sua ação, expande a sua consciência e aumenta o seu compromisso.

Da mesma forma que a competência política, a competência técnica é indispensável.

A formação do educador é permanente e consiste na aliança entre teoria e prática. Isso implica na constante análise da prática do cotidiano pedagógico e o contato com o que de melhor produz no campo do conhecimento.

Só existe educação porque existe educador; os computadores, a televisão, os livros são de muita utilidade enquanto geradores de condições, mas não substituem o educador.

Para ser educador é preciso vontade, desejo, coerência e “espaço interno” para acolher o educando, além da abertura para o trabalho solidário e cooperativo, antítese do individualismo e do egoísmo.

As crianças e adolescentes excluídos precisam, mais que os outros, de educadores política e pedagogicamente bem estruturados.

Não há espaço nessa jornada para os “místicos”, os “militantes” ou “penitentes” de profissão, é indispensável competência, equilíbrio, fundamentação teórica e prática profissional à altura do desafio. E se a essas qualidades somarem-se militância política construtiva e uma mística religiosa que motive, tudo bem.

Robert Colse, em seu livro *A inteligência ética da criança*, fala da arqueologia ética e informa que, anterior à formação da linguagem, há uma formação de valores, do que se conclui que a criança é um ser ético, que se torna contraditório em contato com os adultos, com a cultura.

As perdas na primeira infância levam a criança a ter “baques” na sua arqueologia ética. Colse acredita que a crise na adolescência é uma crise moral, de valores, ante o ser e o dever ser, a partir dos modelos de que dispõe.

Daí pensamos em nossa responsabilidade enquanto educadores.

Feliz Gutierrez analisa que o grande erro na humanidade foi ter priorizado a razão em detrimento do sentimento (*sinto então existo*). Com o equilíbrio entre o sentir e o pensar e com o atuar, esse educador vai provocar uma crise ética no educando, uma esquizofrenia.

Vou lhes falar de uma prática pedagógica, de uma relação educador-educando que há sete anos vem sendo construída a partir de um determinado olhar sobre nossa sociedade e sobre as crianças e adolescentes excluídos, que por sua vez nos olham permitindo um encontro que vai direcionando a caminhada político-pedagógica.

Entendendo que o ato educativo é um instrumento político-liberador para essas crianças e adolescentes e que o educador é o mediador do processo de inclusão pessoal e social, vamos provocar um encontro com eles iniciando um processo contínuo gradativo, partindo de sua realidade, de sua história, das suas “faltas”, dos seus desejos, do seu potencial e de sua cultura, organizando um atendimento lógico de formação em programas.

O início dessa caminhada é a Educação de Rua – base do trabalho. Porque as crianças e os adolescentes estão nas ruas, fora da família, da comunidade e da escola, os educadores vão ao seu encontro nesse espaço conflitivo, optando por uma nova forma de atuação social e educativa. A presença de educadores no espaço da rua é a negação e a superação de enfoques repressivos, autoritários e assistencialistas, e a afirmação na crença da possibilidade de transformação, de que se pode não só educar essas crianças, mas também a sociedade, mudando mentalidades, criando novas posturas, buscando vincular-se com eles entendendo que são possuidores de uma estrutura de inteligência, de um saber, de potencialidades, de sobrevivência, planejam racional e estrategicamente as suas 24 horas, instituindo leis.

Ao se engajarem no universo dos meninos, os educadores vão gerando situações, expectativas e inquietações sempre com uma atitude de escuta e de observação, buscando uma constante relação de troca, baseada no conhecimento mútuo, na coerência e nos ritmos individuais de cada menino(a), agora educandos e educandas. Vamos conhecendo esse universo, desorganizando essa lógica, para reorganizar, com eles, uma nova lógica.

Utilizando o diálogo pedagógico, aliado a outros procedimentos como jogos, desenhos, leitura e análise de textos, atividades de letramento, sempre com uma atitude de escuta e de observação, o educador vai ajudando o educando a analisar a sua vida, a se desculpabilizar, a conhecer seus potenciais e seus limites, a expressar seus desejos e, sobretudo, a acreditar no futuro.

A consciência dos complicadores sociais que o impediram de estar numa família e da sua capacidade de influir no seu destino, vai conciliando o educando consigo e com a sua origem, estimulando-o a construir uma relação diferente com a vida.

Metodologicamente, denominamos a fase inicial da construção do vínculo educador-educando, de *paquera-pedagógica*.

A partir do momento em que o educando começa a reconhecer-se enquanto ser desejante e ao educador como pessoa capaz de mediar a concretização desse desejo, entra-se no *namoro-pedagógico* (fase de maior troca, confiança e expectativas). A experiência vivenciada fornece subsídios para um caminhar mais conjunto, mais planejado, mais exigente, com maior espaço para a consciência dos limites. As demandas se tornam mais concretas (saúde, documentação, escola, sair da rua, “voltar para casa”).

Como forma de trabalhar limites e normas os educadores gradativamente vão buscando espaços alternativos para realizar atividades, onde novas atitudes de convivência grupal são estimuladas, permitindo um trabalho mais sistemático.

É comum nessa fase começarem a aparecer os conflitos próprios da opção, de “deixar as ruas”, que implica muitas vezes na perda da sua “liberdade/autonomia”. No entanto as reflexões feitas no início do trabalho mexem no seu íntimo, ajudando a confirmar a opção pela mudança. Ficam menos imediatistas, fazem planos para o futuro.

Essa *hora da vidrada* comporta, como já dissemos, muitos conflitos a serem administrados com a mediação do educador. Certamente muitas coisas vão mexer com a estrutura interna do educador, precisando, ele também, rever-se. O desejo de ser um educando do AXÉ, concretiza-se com o encaminhamento para uma das diversas atividades de acordo com o seu perfil.

Já no limiar do encaminhamento do educando para umas das atividades do Projeto, os educadores vão, em companhia do educando, até a família. Verificar a possibilidade de seu retorno. Vale a ressalva de que a maioria tem família, deixando claro que o nosso conceito de família não compreende apenas a família biológica, mas qualquer pessoa, com relação positiva, que possa acolhê-lo (tia, avó, vizinha, madrinha). Neste processo começa a se ampliar o número de educadores em volta do educando, pois o trabalho com a família, o acompanhamento realizado pelo Centro de Educação para a Saúde, a atuação dos advogados da área de Defesa dos Direitos, o ingresso nas atividades, vão demandar a entrada em cena de outros atores.

Cada unidade do Axé, organizada a partir dos ecos da rua, é fruto de uma longa caminhada dialógica entre educadores e educandos. Embora guardando coerência em nível de concepção e princípios, a proposta pedagógica nas unidades é diferente; os limites se tornam mais precisos, mais firmes: horários, compromissos com a ambiência e observância às normas coletivamente construídas, de forma a criar os pressupostos básicos ao exercício da cidadania, baseado na consciência do direito e do dever.

Em todas as unidades os educandos recebem vale-transporte, alimentação e uma bolsa semanal de aprendizagem, no valor de R\$5,00 (cinco reais), por 4 horas diárias de atividades.

A fase do *aconchego-pedagógico* é a hora do acolhimento.

Acolher é tomar em consideração; nesse sentido os educadores de rua acompanham os educandos até a unidade, espaço delimitado onde será acolhido, já documentado, matriculado na escola e tendo a situação de moradia resolvida (família, abrigo provisório, ou em pensionatos, com acompanhamento). Como fases desse processo temos:

a) visita prévia ou pré-acolhimento (educando-educador de rua e educador da unidade), objetivando o conhecimento da ambiência educativa. A preocupação básica é estimular a inclusão do educando, fazendo-o perceber que a comunidade educativa da unidade é que irá acolhê-lo (*paquera-pedagógica*);

b) acolhimento – espaço onde se estimula o educando a colocar o seu desejo em se incluir na unidade, dialogando sobre a experiência que traz no seu imaginário com relação a limites, convivência grupal e expectativas com relação ao seu projeto de vida. Este é o momento por excelência de diálogo educador-educando.

Inspirado pela experiência relatada pelo educando, o educador da unidade, em parceria com o educador de rua, se colocará no sentido de tomar em consideração as questões que o educando coloca, e que este acolha o acervo cultural e, portanto, coletivo, construído pela comunidade da unidade no que concerne à organização, limites etc.; estimulando uma postura crítica, discutindo formas de como ele, enquanto indivíduo, pode contribuir para o aperfeiçoamento desse patrimônio coletivo, redefinindo-o, reinventando-o.

É o momento também de se apresentar a proposta pedagógica da unidade, com suas fases, seus módulos e tempo médio. Estabelece-se aí um contrato entre o educador e o educando (contrato que é sempre de risco).

O conhecimento da história de vida do educando vai sendo apropriado pelos educadores da unidade, a partir de documento específico, preenchido pelos educadores de rua (história de vida), do diálogo com o educando e da sua observação cuidadosa e sistemática. Vamos trabalhar o acolhimento a partir de atividades que servem à criação e ao fortalecimento do vínculo com o espaço e do vínculo com o grupo de educandos.

O exemplo do educador é fundamental para que se consolide o Estado de Direito Pedagógico na unidade a partir da construção da dialética liberdade/limite.

Vai-se trabalhando assim os aspectos cognitivos, sociais, afetivos e criativos.

Desse modo vamos ajudando a estruturação do sujeito, do ponto de vista do saber (sujeito cognitivo), social (sujeito de direitos) e do ponto de vista afetivo e criativo (sujeito do desejo).

O educador precisa estar instrumentalizado para perceber as faltas e ler os desejos, criando novos desafios e devolvendo de forma “costurada”, amarrada, o que foi problematizado e construído pelo grupo.

A intencionalidade pedagógica é o fio condutor de todo o processo. O educador atua, não apenas ensinando o dado, ajudando os educadores a mergulharem nos elementos, a analisarem e chegarem a uma síntese.

Assim vamos criando espaços, acontecimentos significativos, para o desenvolvimento da ludicidade, do imaginário, da criatividade, para a expressão simbólica dos desejos, dos medos, seja na Unidade Canteiro dos Desejos (5 a 11 anos) ou no projeto Erê, onde a cultura, a arte, a estética e a ética são a essência da proposta educativa. Estimulando a produção cultural a partir das atividades como bandas, confecção de instrumentos musicais, capoeira, dança moderna e clássica, artes circenses, permitindo que se apropriem das suas raízes negro-mestiças, recuperando a auto-estima, partindo de sua cultura, da beleza e do conhecimento de diferentes linguagens artísticas.

Em todas as unidades levamos a termo todo um processo de letramento, que permita aos educandos experimentarem diferentes tipos de textos – jornais, revistas, dicionários, literatura de cordel, cartazes, cartas, correspondência oficial, romances, poesias, seja em nível de leitura ou de escrita. Para os que, mesmo estando na escola, permanecem analfabetos, há um trabalho mais específico de alfabetização.

Entretanto, a *educação para a cidadania* passa também pela questão da *educação e trabalho*, as *empresas educativas* rearticulam essas duas instâncias e se colocam como *locus* de assimilação de hábitos e atitudes que venham a contribuir para a definição da identidade profissional do educando.

A atividade com papel reciclado, a moda, a estamparia, a decoração são inicialmente usadas como pretextos para aprendizagem mais integrais que apoiem e estimulem a estruturação dos seus projetos de vida pessoais e sociais.

Os conteúdos técnicos estão relacionados com outros conteúdos cognitivos, éticos e estéticos numa permanente conexão entre o didático e o pedagógico.

As empresas educativas estão estruturadas em três núcleos:

1. Núcleo pedagógico para adolescentes a partir de 13 anos. Espaço privilegiado para criação de hábitos e atitudes educativas, sendo a atividade técnica específica, um alibi para aprendizagens mais amplas. Inicia-se aí a construção do conceito de trabalho como um processo de energia criadora, instrumento de autodescoberta e da descoberta do mundo.

Busca-se que o grupo tenha instrumentos para entender criticamente as causas da exclusão e os seus mecanismos de superação.

Benefícios diretos – três refeições diárias, vales-transporte e bolsa de aprendizagem no valor de R\$5,00 (cinco reais), para cada semana de 4h/dia (20h semanais).

2. Núcleos de aprendizagem. Espaço de aprimoramento, onde as questões relativas à construção do projeto de vida/cidadania, estão mais estruturadas, onde o aprendizado técnico (iniciação profissional) fica mais definido. Esta é uma etapa do processo para adolescentes a partir de 15 anos, que tenham vivenciado as etapas anteriores do processo pedagógico, com o qual ainda existe forte vinculação.

Benefícios: bolsa equivalente a 50% do salário mínimo (1 ano); 75% do salário mínimo (2 anos); salário mínimo integral (3 anos) e mais três refeições diárias e vales-transporte;

3. Núcleo de produção. Com educandos oriundos do processo anterior, agora na condição de profissionais. Combina materiais produzidos nas demais áreas integrando diferentes atividades antes desenvolvidas isoladamente, ampliando assim a relação com o mercado (a partir de 16 anos).

Coloca-se em prática o conceito de *empresa social*, oferecendo aos adolescentes uma alternativa de iniciação profissional ou mesmo de profissionalização com ênfase na qualidade do material produzido.

As atividades antes desenvolvidas de forma isolada, são integradas em núcleos de produção, combinando materiais produzidos nas diferentes áreas, ampliando assim a relação com o mercado a partir de *núcleos de comercialização*, entre capital e trabalho, buscando elaborar uma nova síntese, capaz de ser apropriada pelos excluídos como recursos à superação da exclusão.

Tendo a clareza que o educando não pertence unicamente ao mundo da unidade, buscamos ajudá-lo a partir de um acompanhamento familiar, escolar e comunitário, a se inserir e a ser inserido num universo mais amplo (programas específicos como acompanhamento familiar e apoio à juventude, sistema de acompanhamento escolar e áreas de defesa dos direitos, buscam atender de forma coordenada a esses objetivos).

Um *sistema de formação e acompanhamento* de educadores se entrelaça para dar maior sustentação a essa relação tão delicada – a relação *educador-educando*, que conhece momentos de intensa felicidade, mas também de conflitos, de revisão de valores, de exposição a críticas, de cobranças, de enfrentar a autocrítica,

uma constante busca do equilíbrio entre compreensão e exigência e que, acima de tudo, acredita num vir a ser, num AXÉ para os filhos da exclusão.